

TURISMO EM FAVELAS: UM ESTUDO DE CASO NA FAVELA DA ROCINHA NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

*Ivair Segheto Júnior¹
Cassiano Caon Amorim²
Suellen Ribeiro Simões³*

RESUMO

O turista está em busca do conhecimento de outras culturas. Isso tende a mudar seu desejo de consumo em um curto espaço de tempo. Sendo assim, a necessidade de descobrir novos lugares ganha espaço no nosso mercado, que a cada dia se torna mais competitivo. Partindo-se do pressuposto de ser a favela um espaço desordenado, pode-se inferir que, seu conglomerado de construções se destaca na paisagem de uma cidade. A favela é um espaço que chama atenção de turistas estrangeiros. Acredita-se que além do inusitado provocado por uma realidade bem diferente de seus países de origem, o turista estrangeiro possa sentir certa exotividade no local. Pode ser ainda, que o estrangeiro queira entender como as pessoas podem ser felizes em meio a tantas carências materiais. O fato é que cada vez mais estrangeiros optam por conhecer essas áreas no Rio de Janeiro. O objetivo deste consiste na apresentação e no conhecimento da atividade turística da maior favela do Brasil, a “Favela da Rocinha”, que hoje é caracterizada como atrativo turístico. A metodologia da pesquisa foi o estudo de caso realizado na Rocinha a fim de analisar a estruturação deste tipo de turismo como uma nova modalidade e ressaltar a busca dos turistas por espaços autênticos.

Palavras Chave: Favela da Rocinha; Atrativo turístico; Turistas

¹ Mestrando em Sistema de Gestão pela UFF, Especialista em Marketing com ênfase no consumidor pela Faculdade Estácio de Sá Juiz de Fora. Professor de pós-graduação e graduação das Faculdades Estácio de Sá Juiz e Fora e Faculdade Machado Sobrinho.
E-mail: segheto@terra.com.br

² Doutorando em Geografia Humana (USP), Mestre em Geografia (UFF); Especialista em Educação para a Ciência e graduação em Geografia (licenciatura e bacharelado)(UFJF). Professor titular do CES/JF, prof. Assistente da Faculdade Estácio de Sá e prof. substituto na Faculdade de Educação na UFF.
E-mail: cassianoamorim@hotmail.com

³ Graduada em Turismo e Administração de Empresas pela Faculdade Estácio de Sá de Juiz de Fora.
E-mail: suellenribeirojf@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

O turismo é uma atividade dinâmica, sendo vários os conceitos que expressam esta atividade em toda a sua diversidade, principalmente quanto à sua gênese. Então, faz-se necessário um breve histórico sobre turismo e seus principais conceitos que se adaptaram mediante a visão de determinados autores e estes serão apresentados no quadro a seguir:

Quadro 1: Histórico conceitual do turismo

1910	"turismo é o conceito que compreende todos os processos, especialmente os econômicos, que se manifestavam na chegada, na permanência e na saída do turista de um determinado município, país ou estado." (HERMAN apud IGNARRA, 2003, p. 12)
1929	Robert Glucksmann, da escola de Berlim, conceituou como "uma superação do espaço por pessoas que afluem a um lugar onde não possuem lugar físico de residência." (DIAS, 2005, p.13).
1930	Na visão de Schwink, o turismo era o movimento das pessoas por um espaço de tempo, motivados pela profissão, pelo corpo ou espírito. Para Bormann, o turismo era considerado as viagens que estivessem objetivando o prazer ou motivações comerciais, profissionais dentre outras em que a pessoa se ausentava de sua residência habitual. (ANDRADE, 2002)
Década de 1990	"[...] deslocamento para fora do seu local de residência por período superior a 24 horas e inferior a 60 dias motivados por razões não econômicas" (OMT – Organização Mundial do Turismo), sendo modificado em 1994 como "as atividades das pessoas que viajam e permanecem em lugares fora de seu ambiente usual durante não mais do que um ano consecutivo, por prazer, negócios ou outros fins." (IGNARRA 2003, p. 11)

Fonte: Elaborado pelos autores

Ao comparar as duas definições da OMT - Organização Mundial de Turismo, a mais atual passa a considerar as motivações do turista ao que se refere aos negócios e que a relação do tempo de permanência em determinado espaço turístico aumentou de 60 dias para até um ano.

A atividade é considerada essencial para a economia de uma localidade, fazendo com que haja a captação de recursos ao acionar os vários produtos e serviços, independente da intenção e das motivações do turista. Devido à abrangência da conceituação de turismo, este se segmenta para melhor especificar seu tipo.

Após identificar a base conceitual do turismo, é necessário uma melhor compreensão de segmentação de mercado em que se deve ter como referência alguns conceitos como mercado, oferta, demanda. Segundo Kotler (*apud* IGNARRA 2003, p. 112) o mercado "consiste em todos os consumidores potenciais que compartilham de uma necessidade ou desejo específico, dispostos e habilitados para fazer uma troca que satisfaça essa necessidade ou desejo".

Fica subentendido que o mercado é um momento de troca em que há duas partes interessadas. O consumidor, que quer se realizar e a empresa que oferece o produto em troca de receita, seja esse produto tangível ou intangível como é o caso do turismo.

Após os conceitos, apresentar-se-á a estrutura deste estudo que aborda os conceitos de Turismo, inseridos aí atividade turística, os aspectos da urbanização brasileira e crescimento da cidade do Rio de Janeiro, percebido sob a ótica de vários autores, além de traçar um panorama visto na favela da Rocinha sobre o turismo de favelas.

A metodologia da pesquisa está descrita no terceiro subcapítulo a seguir, que traz, ainda, a análise dos fatos presenciados e observados na visita guiada.

2 METODO

Para Cooper; Schindler (2002), a pesquisa é realizada por duas razões: identificar e resolver problemas. No primeiro caso, a pesquisa ajuda a identificar problemas que não surgem necessariamente na superfície, mas existem ou provavelmente irão existir no futuro. No segundo caso, ajuda a resolver problemas existentes, específicos.

2.1 OBJETIVOS

O objetivo é apresentar uma visão holística sobre o matizado turístico e cultural da Favela da Rocinha, no Rio de Janeiro, apresentando os interesses que despertam no vai-e-vem de turistas que adentram seu emaranhado de construções e pessoas, pode-se assim responder como está organizado o turismo em Favelas do Rio de Janeiro.

Especificamente almeja-se:

- a) apresentar a atividade turística na favela da Rocinha e identificar os impactos ocasionados pelo mesmo;
- b) analisar a formação do crescimento da cidade do Rio de Janeiro e a percepção do inchaço urbano, acarretando a favelização na cidade;
- c) traçar uma perspectiva histórica da favela da Rocinha e avaliar o processo de desenvolvimento de atrativo turístico através da visita guiada.

2.2 TIPO DE PESQUISA

O primeiro tipo de pesquisa empregado é a bibliográfica. Vergara (2003) afirma que esta possui as funções de conhecer e analisar as principais contribuições teóricas existentes acerca de um determinado tema ou problema, tornando-se um instrumento indispensável para qualquer tipo de pesquisa exploratória ou conclusiva. Booth, Colomb e Williams (2005) dizem que uma pesquisa exploratória se dá em área onde há pouco conhecimento, visa à

descoberta por meio de levantamento detalhado com base em conceitos e modelos teóricos existentes.

Após a fase de identificação das fontes bibliográficas acerca dos assuntos em estudo e visando conhecer e identificar as principais contribuições teóricas existentes, a pesquisa assume caráter exploratório ao se fazer o estudo de caso, em que tal investigação possibilita fornecer explicações diretas ao caso mencionado, podendo assim, compreender a atividade turística na Favela da Rocinha. (LAVILLE; DIONNNE, 2007)

2.3 MÉTODO DA PESQUISA

Na opinião de Cervo e Bervian (2002), o método é o meio ordenado e sistemático da pesquisa em que o método científico busca descobrir a realidade dos fatos.

Já para interpretar a realidade, intervir e focar no problema de pesquisa que visam o conhecimento da realidade, Barros e Lehfeld (2007) citam que é um processo metódico.

Segundo Mayer (2008), método, em pesquisa, representa a escolha de procedimentos sistemáticos para a descrição e explicação de fenômeno. Refere-se a método qualitativo através de estudo de caso por observação.

Para Gil (1999), o método observacional é um dos mais utilizados nas ciências sociais, visto ser o que possibilita o mais elevado grau de precisão por observar algo que acontece ou já aconteceu. O autor ainda diz que se pode afirmar com muita segurança que qualquer investigação em ciências sociais deve valer-se, em mais de um momento, de procedimentos observacionais.

O método utilizado no presente trabalho é baseado na observação pelo conhecimento da atividade turística em favelas, considerando o estudo feito na favela da Rocinha na cidade do Rio de Janeiro, mensurando-se as expectativas para o atrativo, considerado relevante num projeto de pesquisa.

3 A ATIVIDADE TURÍSTICA

Quando se fala de mercado, turístico ou não, deve-se levar em consideração que existem duas partes de atuação fundamental que são conhecidas como: oferta e demanda. (DIAS, 2005)

Ignarra (2003, p. 114) ressalta que: “A demanda é a quantidade de um bem ou serviço que os consumidores desejam e podem comprar a um dado preço em um determinado momento”.

Para um melhor entendimento do termo demanda, Dias (2005, p. 52) o classifica como sendo “a busca que o consumidor faz para obter seus produtos [...]”. Dias comenta ainda

que a “oferta turística constitui-se de tudo aquilo que faz parte do consumo turístico [...]”, ou seja, são todos os bens e serviços ofertados para melhor atender e satisfazer o turista.

Para segmentar o mercado, usam-se formas para dividir os interessados em grupos homogêneos. A segmentação do mercado turístico é divisão deste mercado em partes menores com interesses comuns. Segmentar significa conhecer os principais destinos turísticos, a composição demográfica dos turistas, faixa econômica, nível econômico, estilo de vida entre outros. Beni (2003) comenta que as vantagens de se segmentar são inúmeras desde economia de escala, aumento de concorrência até a promoção de maior número de pesquisas científicas.

Para Dias (2005), a segmentação de mercado consiste na sua divisão em grupos de consumidores relativamente homogêneos em relação a um critério adotado (idade, interesses específicos e outros) com o objetivo de desenvolver, para cada um desses grupos, estratégias de marketing diferenciadas que ajudem a satisfazer suas necessidades e conseguir os objetivos de atração demanda para determinado núcleo receptor.

A OMT (apud DIAS 2005, p. 70) sugere dividir o mercado turístico em quatro categorias, levando em consideração as teorias do marketing, para que depois elas possam ser segmentadas em grupos menores. Tais categorias são: demográficas (que compreendem as questões de idade, gênero, estado civil, renda, escolaridade, profissão, tamanho da família, etc.), geográfica (ligadas às questões de tamanho da região, clima, relevo, etc.) psicográficas (relacionadas à personalidade, estilo de vida, motivações, valores, atitudes, etc.) e comportamentais (sobre o conhecimento, atitude, uso ou resposta a determinado produto, etc.).

Para Ignarra (2003, p. 120), os critérios adotados para a segmentação são: níveis de renda (que resultam nos segmentos de turismo popular, de classe média ou de luxo); meio de transporte (aéreo, rodoviário, ferroviário, marítimo, fluvial/lacustre); duração de permanência (de curta, média ou longa duração); distância do mercado consumidor (local, regional, nacional, continental, e intercontinental); tipo de grupo (turismo individual, de casais, de famílias, de grupos); sentido do fluxo (turismo emissivo e receptivo); condição geográfica da destinação turística (de praia, de montanha, de campo, de neve); aspecto cultural (étnico, religioso e histórico); grau de urbanização da destinação turística (das grandes metrópoles, de pequenas cidades, rural e de áreas naturais); motivação da viagem (negócios, de eventos, de lazer, de saúde, educacional, esportivo, de pesca).

Beni (2003) considera que o motivo da viagem é o principal meio de segmentar o mercado, pois é a melhor explicação de uma viagem, seja esta a negócios, compras, motivos culturais, aventura, religioso, ecológico, e assim por diante.

Para melhor classificar o turismo de favelas, pode-se dizer que, em relação ao critério de segmentação, usado por Ignarra (2003), está inserido na categoria de “grau de urbanização” da destinação turística, em que o turista procura o que lhe interessa nas “cidades grandes”, médias ou de pequeno porte, o que possa somar aos seus interesses, seja esses de âmbito cultural ou social. Dentro da categoria de urbanização, pode-se considerar que esta também sofre uma subdivisão classificada como “turismo urbano” e ainda seguidas por motivações este turismo pode-se dividir em partes menores que se especificam mediante o que cada turista procura. A sugestão de motivação para o turismo que acontece nas favelas seria o “turismo social”, que apresenta características de interesses sociais dos turistas com a comunidade em que estão visitando.

Beni (2003) define o turismo urbano como sendo aquele em que são apresentadas aos turistas as paisagens naturais e aquelas construídas pelo homem, numa visão global, em que os pontos de atração turística são: enclaves sociais, de características étnico-culturais; corredores cênicos onde é permitida a leitura cultural, social e econômica da cidade como um todo.

Turismo urbano é um tipo de turismo que aproveita as mais diversas fontes que a cidade pode proporcionar ao turista, sejam estas fontes providas de motivação tanto cultural, quanto social ou ainda econômica.

Wainberg (2001, p. 13) para designar o turismo nas cidades usou as seguintes palavras:

A semiótica do ambiente urbano nos ensina que a cidade deve ser vista como uma escritura, uma fala a ser interpretada pelo transeunte. Trata-se de um enigma a ser desvendado pela exploração. A percepção é estimulada pelo estranhamento causado por sua arquitetura, vias, limites, bairros, pontos nodais, marcos, avenidas, cafés e bares. É uma obra de arte viva, e seus atores móveis são os seus habitantes. Há cores e odores; hábitos e costumes; histórias e memórias.

Quando algo é estranho ao conhecimento, todo detalhe é relevante na composição do todo. Sendo assim, o turismo urbano deve considerar os mais diferentes aspectos que a cidade pode proporcionar, pois o que tem significado para um turista pode não ter para outro, são “mistérios” a serem descobertos pelo turista dependendo da sua motivação.

De uma forma geral, entende-se por atrativo aquilo que chama a atenção de determinada pessoa, ou grupo. Segundo Beni, atrativo é “todo lugar, objeto ou acontecimento de interesse turístico que motiva o deslocamento de grupos humanos para conhecê-los.” (2003, p. 303).

Os atrativos turísticos estão relacionados com fatores de motivação, em que estes despertam os interesses dos turistas, e, quanto mais diferente e inusitado for, maior o seu grau de atratividade de cada lugar, melhor será representado. Estes atrativos podem ser

naturais, que estão diretamente ligados à natureza, e os culturais, que remetem à cultura e os costumes dos lugares.

Ignarra (2003) descreve que o atrativo turístico “[...] é complexo, dado que a atratividade de certos elementos varia de forma acentuada de um turista para o outro.” Esta afirmação apresentada esclarece a relação do turista com o que lhe é importante e o realmente o atrai. Seu conceito está relacionado com “as motivações das viagens dos turistas e a avaliação que os mesmos fazem desses elementos. [...] possui, via de regra, maior valor quanto mais acentuado for o seu caráter diferencial.” (IGNARRA, 2003, p. 53).

Segundo Gayer (2007): “além da paisagem natural, a paisagem construída historicamente (as camadas históricas urbanas; os fixos), singularizada pela cultura de cada sociedade se constituíram como objeto de atração turística.” Pode-se dizer que é o caso das favelas que são paisagens construídas e que hoje representam um atrativo turístico para um grupo específico de turistas.

Assim, por tratar-se de atrativos, a atividade turística é responsável por diversos impactos, podendo ser positivos e negativos, ocasionados pelos mais diversos fatores como é o caso dos impactos naturais, culturais, econômicos e sociais que baseados e complementados pelos autores Dias (2005), Ignara (2003) e Lage e Milone (2000) e serão descritos a seguir.

Quadro 2: Impactos da atividade turística

Impactos naturais	<ul style="list-style-type: none"> - prejuízos aos recursos naturais - o aumento da poluição - impactos físicos do desenvolvimento turístico - impactos físicos da atividade turística - perda da biodiversidade - diminuição da camada de ozônio - desorganização do espaço natural para a construção de empresas turísticas - transformação das paisagens, devido à especulação imobiliária
Impactos culturais	<ul style="list-style-type: none"> - preservação da herança cultural - fortalecimento da identidade cultural - intercâmbio cultural - transformação do processo produtivo em função da demanda turística.
Impactos econômicos	<ul style="list-style-type: none"> - aumento da renda no destino turístico - o estímulo aos investimentos - a redistribuição de renda que consiste na saída de turistas de áreas emissoras para áreas receptoras - o efeito inflacionário do turismo - a dependência da localidade em relação à atividade - a priorização dos investimentos em infra-estrutura que estiverem ligados ao turismo, deixando em segundo plano as necessidades da comunidade.
Impactos sociais	<ul style="list-style-type: none"> - ressentimentos locais resultantes do choque de culturas que são as diferenças culturais entre os moradores e os turistas devido aos diferentes modos de vidas, etnias e línguas - transformações de estrutura do trabalho - saturação da infra-estrutura que provoca conflitos no uso de recursos públicos - transformações dos valores e condutas morais - as modificações nos padrões de consumo - os problemas de saúde em que o turismo pode ser difusor de epidemias - manifestações de etnocentrismo

Fonte: Elaborado pelos autores

Como dito anteriormente, os impactos negativos são muitos, porém a atividade turística, quando bem planejada, pode gerar benefícios para uma atividade sustentável.

Para a OMT (apud DIAS 2005, p. 107), o desenvolvimento sustentável é aquele que:

Atende às necessidades dos turistas atuais e das regiões receptoras, e ao mesmo tempo protege e fomenta as oportunidades para o futuro. O desenvolvimento sustentável do turismo se concebe como um caminho para a gestão de todos os recursos de forma que possam satisfazer-se as necessidades econômicas, sociais e estéticas, respeitando ao mesmo tempo a integridade cultural, os processos ecológicos essenciais, a diversidade biológica e os sistemas que sustentam a vida.

O turismo sustentável trabalha a atividade de forma responsável, respeitando os limites do lugar, educando tanto os turistas como os moradores, passando para todos o que deve ou não fazer para preservar o lugar.

Por fim, a atividade turística proporciona trocas de experiências entre os visitantes e os visitados, devido à curiosidade dos turistas e os possíveis benefícios que a atividade pode trazer aos moradores. O resultado dessas experiências são diferentes valores culturais e sociais.

Lage e Milone (2000, p. 124 e 125) comentam as opiniões dos críticos que afirmam que um grande número de turistas que em viagens deixam suas maneiras e sua moral em casa, procurando lugares exóticos longe das restrições sociais, e seus comportamentos podem variar completamente nas férias, embora suas expectativas de conforto material aumentem ainda mais nos lugares de destino.

Para alguns autores, os impactos sociais são comentados juntamente com impactos culturais, a exemplo de Lage e Milone (2000) que relatam o fato de que as percepções dos moradores de determinada região podem sofrer alterações com o passar do tempo.

Os impactos irão acontecer independentes de como é caracterizada a atividade turística e podem ser positivos e negativos. É necessário que se tenha claro os resultados que se quer alcançar fazendo com que os impactos positivos se multipliquem e os negativos sejam minimizados.

4 ASPECOS DA URBANIZAÇÃO BRASILEIRA E CRESCIMENTO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

A cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro recebeu este nome devido à expedição do dia 1º de janeiro de 1502, feito pelo português Gaspar de Lemos que, em sua chegada, avaliou a Baía de Guanabara como sendo a foz de um grande rio. Devido a esses fatos deu-se o nome de Rio de Janeiro e ainda completou com uma homenagem ao Rei de Portugal

D. Sebastião. A cidade foi fundada no dia 1º de março de 1565, por Estácio de Sá, um militar responsável pela vitória de batalhas contra franceses que tinham o objetivo de se fixarem na região. (PREFEITURA, s. d.)

No século XVII a cidade tinha seu desenvolvimento lento, suas pequenas ruas eram interligadas e chegavam ao Mercado do peixe, na beira do cais e na igreja o que originou as principais ruas do centro do Rio. (HISTÓRIA, s. d.)

Já no século seguinte XVIII, conforme relata Caldas (2003), o ouro foi descoberto levando a sede da colônia de Salvador para o Rio de Janeiro, devido à proximidade da área e a facilidade de fiscalização e escoamento do produto para Portugal. O Rio ficou sendo capital do Brasil de 1763 a 1960.

Em 1808, a Família Real Portuguesa vem morar no Brasil e o Rio de Janeiro passa a se beneficiar com o ocorrido, porque, atrelada a essa mudança, uma reforma urbana pôde melhor atender a Corte portuguesa. (CALDAS, 2003).

A cidade do Rio de Janeiro entre 1870 a 1890 teve um aumento de cerca de 120%, passando de 230 mil habitantes para 520 mil e isso gerou uma grande crise habitacional em que a migração regional foi um fator significativo. (SILVA E BARBOSA, 2005). De acordo com dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) a população da cidade está estimada em 6.136.652 de habitantes. (IBGE, 2007).

Arruda e Piletti (2000) descrevem ainda que, no porto do Rio de Janeiro, a partir de então, foram feitas alterações na economia da cidade, fazendo com que este representasse o principal centro econômico no país.

A comercialização de produtos estrangeiros no país teve um grande aumento e representou a abertura do livre comércio na cidade do Rio de Janeiro, onde era encontrada uma grande diversidade de produtos estrangeiros. (O RIO, s. d.).

O Rio de Janeiro representa o retrato do Brasil. Tal associação se deve por essa cidade possuir os mais diversos atrativos e belezas naturais, culturais que enriquecem a sua paisagem e o Rio recebeu o nome de cidade maravilhosa. Ferrara (2002, p. 73) complementa que “a cidade atrai o maior fluxo de turistas estrangeiros ao país, estando, ainda, muito bem posicionada, comparativamente, no que se refere aos fluxos internos”.

A cidade teve um crescimento considerável, sofrendo influências diretas da Revolução Industrial, e quando da industrialização brasileira que contou com o êxodo rural muito forte, como será descrito no próximo subitem.

4.1 INCHAÇO URBANO E FAVELIZAÇÃO NO RIO DE JANEIRO

O processo de industrialização é um fator muito importante para o desenvolvimento de um país. Sposito (1988, p. 49) ressalta que “foi grande o impulso tomado pela urbanização a

partir do pleno desenvolvimento da industrialização”, sendo esta no sentido de aumento de população global das cidades. Esse inchaço se deu, à medida que as cidades começaram a se desenvolver e precisar de mão-de-obra para os mais diversos serviços.

Para Rodrigues (1989) no Brasil, ainda que tardio, não vivenciando a Revolução Industrial Européia, o aparecimento de indústrias gerou uma série de problemas econômicos e sociais que resvalarão no desenvolvimento das cidades. O deslocamento de trabalhadores do campo para a cidade, e também de cidades de pequeno porte que não dispunham de recursos suficientes para pagar uma moradia e nem para onde ir, entre outros fatores, provocou o surgimento dos “barracões”. Rodrigues (1989) continua contando que esse tipo de moradia começa a aparecer na cidade do Rio de Janeiro logo após a Guerra dos Canudos, início da República é época em que se acreditava ser necessário industrializar o país. Nesse período ocorre uma tentativa fracassada de surto industrial com Rui Barbosa à frente do Ministério da Fazenda¹. Em São Paulo, observa-se esse tipo de construção por volta da Segunda Guerra Mundial, período em que a cidade começa a apresentar maior desenvolvimento industrial.

Montarroyos (2003) revela que o ano de 1897 foi marcado pelo surgimento da primeira favela carioca no Morro da Providência que era chamado de Morro da Favella e que significava uma planta do Nordeste que era cultivada pelos primeiros moradores do Morro.

O processo de formação de habitações irregulares aparece como acelerador da favelização. Silva e Barbosa ressaltam que, “Apesar da precariedade, morar em cortiço tinha uma vantagem fundamental para os trabalhadores, ficar perto da oferta de trabalho” (SILVA; BARBOSA, 2005, p. 25). Outra questão relevante é a falta de políticas públicas de habitação e planejamento urbano.

Além de ficar perto do trabalho, como descrito, estes moradores não tinham dinheiro para pagar aluguel e a saída para seus problemas seria a moradia nestas favelas, já que as terras foram ocupadas ilegalmente e nada teriam que pagar, nem ao menos os impostos. Essa ilegalidade privava os invasores das infra-estruturas urbanas básicas, quadro verificado até a atualidade.

Segundo Varella (2002, p. 20) a década de 1940 foi o período de mais forte proliferação de favelas no Rio de Janeiro:

Com a decadência da agricultura e forte industrialização, houve intensos movimentos migratórios em direção às cidades. Os migrantes, principalmente nordestinos fugindo da grande seca, chegando à então capital do país, diante da crise de habitação da cidade, instalavam-se nos subúrbios distantes ou nas favelas.

¹ Para maiores detalhes sobre o que se chamou nessa época Encilhamento ver FAUSTO, Boris. História do Brasil.

Sem opções de uma vida mais certa, esses migrantes se “contentavam” com o que tinham que era instalarem-se nas favelas que eram perto do trabalho ou irem para subúrbios distantes e viajarem para chegar ao trabalho. Os moradores lutaram pelo direito de usucapião¹ urbano, segundo Rodrigues (1989), e hoje adquiriram esse direito com o estatuto da cidade.

Ao definir o tipo de moradia representado pelas favelas Rodrigues (1989, p. 36) infere:

O termo favela, de acordo com o IBGE, diz respeito a um aglomerado de pelo menos 50 domicílios – na sua maioria carentes de infra-estrutura e localizados em terrenos não pertencentes aos moradores. [...] A favela se constitui numa ocupação juridicamente “ilegal” de terras. Terrenos sem uso, em geral do poder Público são ocupados pelas famílias sem terras e sem teto.

A citação acima deixa claras as características das moradias e as principais pessoas que procuram as favelas como uma saída para a resolução dos problemas que enfrentam com a falta de dinheiro, emprego e perspectivas.

Soares (2005) nos informa que a cidade do Rio de Janeiro conta hoje com aproximadamente 700 favelas com o total de 1 milhão de moradores que encontraram nesses espaços uma forma de refúgio, uma saída para os problemas habitacionais e, vinculados a esses, os problemas do deslocamento urbano. Com os dados descritos sobre o crescimento da cidade do Rio de Janeiro e o inchaço da população somado aos problemas da falta de políticas públicas de habitação, fica simples entender-se o aparecimento e a continuidade das favelas.

4.2 FALTA DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE HABITAÇÃO E AS FAVELAS

Com o crescimento acelerado das cidades, por parte do êxodo rural, e a falta de interesse por parte do governo, as cidades foram crescendo e tomando proporções acima do que os políticos imaginavam.

Para Rodrigues (1989), a cidade do Rio de Janeiro não contava com um crescimento tão considerável e a saída encontrada por parte dos trabalhadores seria invadir os morros e instalar ali suas moradias e uma forma de sobrevivência.

¹ A referida modalidade de usucapião também pode ser denominada de *usucapião pro moradia* ou *usucapião pro misero*, uma vez que transforma, em propriedade, a posse do possuidor que não tiver qualquer outro imóvel, rural ou urbano, para fins de habitação.

Art. 183 - Aquele que possuir como sua área urbana de até duzentos e cinquenta metros quadrados, por cinco anos, ininterruptamente e sem oposição, utilizando-a para sua moradia ou de sua família, adquirir-lhe-á o domínio, desde que não seja proprietário de outro imóvel urbano ou rural.

Art. 1.240. Aquele que possuir, como sua, área urbana de até duzentos e cinquenta metros quadrados, por cinco anos ininterruptamente e sem oposição, utilizando-a para sua moradia ou de sua família, adquirir-lhe-á o domínio, desde que não seja proprietário de outro imóvel urbano ou rural. (O QUE, s. d.)

Segundo Leeds e Leeds (apud SILVA e BARBOSA, 2005), a proliferação das favelas passa a ser uma questão que “preocupa” os governos em meados do ano de 1900. O que antes eram apenas alguns cortiços tomou proporções grandiosas, e as autoridades públicas sugeriam o deslocamento da população para os arredores das cidades onde teriam acesso a trens e bondes.

O governo alertou-se para o problema da moradia na cidade e quis tomar como medida o afastamento dos moradores, como se isso fosse bom para os mesmos, deixando claro que o único inconveniente era ter a pobreza tão próxima.

De acordo com Abreu (apud SILVA e BARBOSA, 2005) era conhecido como favela todo e qualquer aglomerado de habitações que surgiam nas cidades, geralmente nos morros sem o consentimento do poder público. Na década de 1920 foi destacado apenas na cidade do Rio de Janeiro, mais de 100 mil habitantes nestas instalações.

Desta forma, para Silva e Barbosa (2005) a preocupação dos governantes com a favelização estava intimamente ligada à feiúra provocada por essas construções desordenadas. A citação a seguir mostra como realmente o governo enxergava as favelas e o que este fazia em relação a elas, segundo Silva e Barbosa (2005, p. 27):

[...] apesar dos constantes ataques da imprensa, o poder estatal não tomou nenhuma outra medida drástica em relação às favelas que se formavam, limitando-se às corriqueiras investidas policiais e sanitárias. A favela era permitida, portanto, desde que obedecesse a uma condição fundamental: ser invisível aos olhos burgueses ofuscados pelo *glamour* da arquitetura parisiense e pelo modo de vida moderno. Nesse caso, reconhece-se o pobre o “direito” de estar no seu lugar.

Como se pode ver com essas palavras, o direito do pobre era estar nas favelas, porque ali era o lugar destinado a eles, mas de uma forma discreta, pois os ricos não podiam ter essas imagens tão claras. Essa é a contribuição que nos lega o pensamento de Benjamin Costallart em 1924 descreve sua visão sobre as favelas do Rio:

Encravada no Rio de Janeiro, a favela é uma cidade dentro da cidade. Perfeitamente diversa e absolutamente autônoma. Não atingida pelos regulamentos da prefeitura e longe das visitas da polícia. Na favela ninguém paga impostos e não se vê um guarda civil. Na favela, a lei é a do mais forte e a do mais valente. A navalha liquida o caos. E a coragem dirime as contendas. (BENJAMIM COSTALLART apud SILVA; BARBOSA 2005, p. 28).

Interpretando assim esse pensamento, é confirmada a questão da irregularidade em relação ao terreno, é um lugar “largado”, onde a polícia não se enquadra, e que contém leis próprias. Silva e Barbosa (2005) ressaltam que indícios apontam uma outra preocupação da parte do governo em relação às favelas, qual seja a econômica. O fato de elas modificarem a paisagem, desvalorizarem as áreas próximas e apresentarem uma área de grande foco de

violência, causa desvalorização das circunvizinhanças, além de amedrontar as camadas sociais mais abastadas.

A preocupação do governo não estava ligada aos interesses e aos direitos da população das favelas e sim a uma burguesia que não se conformava com a questão da paisagem e da marginalidade. O governo não se importava com a falta de saneamento e o mínimo de condições para moradia para os trabalhadores. As favelas representavam o perigo e lugar de abrigo a marginais.

Ainda hoje as favelas¹ são vistas por muitas pessoas como “lugar de malandros e marginais” conforme acima descrito, porém através de filmes, músicas estão tentando esclarecer que as favelas contêm em sua grande maioria, pessoas de bem que deixam suas casas para trabalharem e conseguem levar uma vida digna apesar da precariedade de suas casas.

É válido ressaltar o fato de que as favelas são construídas pelos próprios moradores que contam apenas com a ajuda de seus vizinhos que nos fins-de-semana, eles se unem para obter um resultado final. Este é o processo conhecido como mutirão e que resulta na autoconstrução de moradias, vias de acesso e outras infra-estruturas.

Varella (2002, p. 44 e 45) destaca ainda que a favela é um espaço dinâmico e está ligada a processos de autoconstrução e à participação comunitária, onde “as alterações geralmente seguem a lógica do ‘puxadinho’ e da ‘laje’, ou seja, continuam para os lados, ou para cima”, como se pode perceber na foto a seguir que confirma o fato descrito:

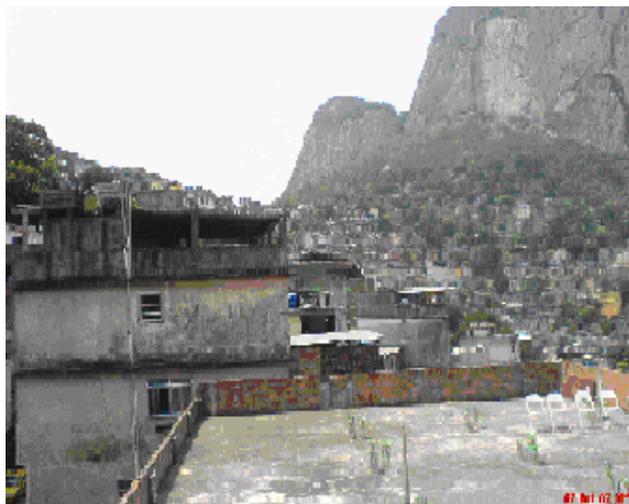


Figura 1: Vista da Favela da Rocinha

¹ As primeiras favelas do Rio de Janeiro datam da virada do século XIX para o XX. Nesse caso, o marco inaugural seria o Morro da Providência, onde surgiu o “Morro da Favella”, que por sua vez, teria transmitido o nome às demais ocupações com as mesmas características. Barbosa e Silva (2005)

Segundo Rodrigues (1989, p. 41), na tentativa de contornar o problema, o governo tem duas possibilidades: a primeira seria a remoção dos moradores com a liberação das áreas ocupadas; a outra seria a permanência da favela, porém com a erradicação de suas características. Essa segunda solução implicaria em implantar projetos de infra-estrutura (água, luz, esgoto sanitário) e na modificação do traçado urbano realizada com a abertura de vias mais amplas de circulação.

Zaluar e Alvito (2006) esclarecem que, no início dos anos 80, apenas 1% das 364 favelas cadastradas era servido por rede oficial de esgoto sanitária completa; 6% possuíam rede de água total, e 13%, rede parcial com caráter oficial; e em 92% das localidades, a única forma de esgotamento pluvial era a drenagem natural pelo terreno. Estes dados foram apresentados pela prefeitura e representaram os anos 80: hoje estes números obtiveram mudanças.

Na data de 17 de junho de 1987, Deni Schwartz, Ministro do Desenvolvimento Urbano, afirmou em um encontro com Secretários de Habitações de vários Estados que o problema de habitação do Brasil não está na falta de recursos e sim seu gerenciamento – segundo Rodrigues (1989) – deixando claro que existem recursos para amenizar os problemas de habitações, porém faltam pessoas com “capacidade” de gerenciamento dos mesmos.

Existem, nos dias de hoje, vários projetos que visam à urbanização das favelas. No caso da Rocinha, o projeto de urbanização consiste em obras de abertura de novas ruas e na construção de áreas de lazer, além de investimentos para evitar a expansão da favela. Essas melhorias infra-estruturais facilitarão o acesso de serviços essenciais à comunidade local, tais como, do corpo de bombeiros, de assistência médica móvel, dentre outros como será visto no quinto capítulo.

5 A FAVELA DA ROCINHA

A Favela da Rocinha é a maior favela da América Latina, considerada uma das favelas mais urbanizadas do Rio de Janeiro: tem diversos atrativos, além de sua localização privilegiada. Está localizada no Morro dos dois Irmãos entre os Bairros da Gávea e São Conrado, zona sul da cidade do Rio de Janeiro. (AQUINO, 2007)

Desde o surgimento em fins de 1920, a Rocinha povoou-se, inicialmente com operários fabris ou por outros tipos de trabalhadores desqualificados que eram temporários e mal remunerados, portadores de nenhuma ou de baixa escolaridade. Muitos chegavam do interior sem nenhuma profissão definida e aprenderam algum trabalho com seus parentes mais velhos que migraram antes deles para o Rio de Janeiro. (CARVALHO FILHO, 2006)

Na década de 30, a Rocinha ainda mantinha um aspecto rural, com poucas casinhas simples, edificadas sobre paredes de alvenaria ou taipa. A década de 40 registra a maior propagação de favelas no Rio: dados do censo de 1948 constatam que 24% das favelas e 21% do total da população de favelados - 52% dos quais autóctones - concentram-se na Zona Sul, na época. (PREFEITURA, s. d.)

Nos últimos dados oficiais do IBGE de 2000, quando o município do Rio de Janeiro contava com 4,7 milhões de habitantes, nas favelas já viviam mais de um milhão de pessoas. (RENATO, 2007). A superpopulação dos espaços somados à curiosidade dos turistas em ver de perto como vive uma comunidade com poucos recursos e todos juntos dividindo espaços tão complexos, começando assim a questão do turismo nas favelas.

A favela da Rocinha foi reconhecida oficialmente como um bairro em 1992, ganhando sua própria Região Administrativa e um administrador regional segundo dados recolhidos no site da prefeitura do Rio de Janeiro.

A favela da Rocinha tem um projeto de urbanização no qual o presidente Luiz Inácio Lula da Silva anunciou no dia 1º de julho de 2007, que o Governo Federal investiria até o final do ano R\$3,88 bilhões em obras de infra-estrutura no estado do Rio de Janeiro. Seria investido em obras de saneamento e habitações nas favelas cariocas o valor de R\$1.6 milhão, destinado pelo PAC (Programa de Aceleração do Crescimento). (TOLEDO, 2007)

5.1 A FAVELA COMO ATRATIVO

Os atrativos turísticos segundo Beni (2003), são lugares, objetos que chamam a atenção de grupos de pessoas e causam a motivação e o deslocamento das mesmas. Portanto pode-se dizer que a favela representa esse atrativo já que cada vez mais cresce a procura por este passeio.

A Favela da Rocinha tornou-se ponto turístico da cidade do Rio de Janeiro, a partir da Lei nº 779/2006 elaborada pela vereadora Liliam Sá, do PL (Partido Liberal), e aprovada pelo prefeito César Maia, em setembro de 2006 (SÁ, 2006).

Rubem Medina, Secretário Especial de Turismo do Rio de Janeiro, esclarece alguns fatos que ligam a favela com o turismo, com as seguintes palavras:

A prefeitura do Rio considera a Rocinha uma atração turística e não vejo como isso possa prejudicar a imagem da cidade. Pelo contrário. Existe uma demanda de turistas para conhecer a favela e esse roteiro turístico já existe e movimentou o comércio local, os artesanatos. [...] (RENATO, 2007)

De acordo com Renato (2007), as favelas estão se firmando, como “objeto de atração”, devido à crescente demanda de turistas interessados em ver de perto a realidade da comunidade. Essa atração que os estrangeiros têm em relação a estes espaços faz com

que cada dia aumente a divulgação das favelas e a torne conhecida competindo com outros atrativos já existentes.

O turismo nas favelas começa com a contratação do serviço por parte dos turistas que ficam sabendo dos passeios das mais diferentes formas possíveis, através de sites que divulgam esses passeios, *folders* que são entregues em todo o Rio de Janeiro e através da propaganda boca a boca.

Ansiosos pelo começo da aventura os turistas ouviam atentamente a todas as questões abordadas pelo Guia Dirceu Bellizzi que era responsável pelo grupo e funcionário da empresa Favela Tour. Os olhares admirados percorriam todas as direções da favela, focados em um panorama geral do Rio, do Cristo, do mar e de todo o verde da floresta e principalmente da real desigualdade que se contrastava no mesmo espaço.

A vista da primeira parada caracteriza assim o principal motivo da Favela da Rocinha fazer tanto sucesso.



Figura 2: Vista da Favela da Rocinha

Fonte: (visita no dia 07/10/2007 arquivo pessoal)

Esta parada foi marcada pela feirinha de artesanato, de que alguns moradores da comunidade eram responsáveis. Entre os produtos havia telas a óleo com a figura das favelas, através das cores e dos desenhos, bolsas feitas de jornal e revistas, bonecos de porcelana pintados a mão. Os moradores dizem é que não têm necessidade de sair da favela, pois lá se encontram de tudo.

Mais uma vez no carro, o guia deixou bem claro que a partir dali quando ele falasse que não poderia tirar fotos era pelo fato de que se estava perto da área mais perigosa da favela onde o tráfico de drogas era intenso e que não pararia por causa do turismo. Com

isso terminou essa jornada ficando claro que para muitos turistas o passeio é seguro e de uma experiência rica e intensa.

5.2 COMPREENDENDO A SITUAÇÃO DO TURISMO NA FAVELA DA ROCINHA E OS IMPACTOS OCACIONADOS PELA ATIVIDADE

É sabido que o turismo transforma os lugares de acordo com o que é proposto e o que se leva em consideração. No caso do turismo nas favelas fica difícil imaginar que estes lugares poderiam um dia ser considerado um atrativo turístico, porém as variedades de lugares que se aproveita para o uso da atividade são muitas vezes inusitadas como é o caso que se estuda.

Cabe ressaltar que a primeira vez em que se sabe sobre esse tipo de turismo foi em meados da década de 40 pelo embaixador espanhol, José Casais. (FREIRE-MEDEIROS, 2006)

Com o rápido crescimento do turismo nas favelas surgiram várias proposta de investimentos, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva resolveu apoiar financeiramente a Rocinha com o pacote de R\$ 60 milhões, com a contrapartida de R\$ 12 milhões do governo do Estado, que prevê a construção de pousadas turísticas na favela e oficializa o roteiro alternativo.(RENATO, 2007)

A atividade turística carrega os impactos tanto negativos quanto positivos. Pode-se pensar na questão social em que pessoas de níveis diferentes em contato podem gerar desconforto para ambos os lados.

Na questão cultural, o turismo permite o intercâmbio de culturas, já que nessas favelas o público-alvo são os estrangeiros. É valido ressaltar que grande parte dos moradores nascidos na Rocinha não a troca por nada, gerando assim o fator característico de pertencimento de determinado local.

Segundo Lage e Milone (2000) outro impacto cultural, agora negativo seria o fato de transformar os produtos artesanais em produtos industrializados. No caso das feirinhas que apresentam e oferecem aos turistas quadros pintados a mão, produtos feitos em porcelana, bolsas fabricadas pelos próprios moradores, de uma hora para outra para atender a essa demanda crescente eles trocassem esses produtos por outros sem significado algum para a comunidade, isso iria prejudicar a cultura do local.

Os impactos econômicos são de maior percepção. Com o aumento do turismo mais divisas a localidade receberia, porém, no que se pode perceber, os moradores não têm contato direto com dinheiro, já que as agências alegam repassar uma parte para a associação de moradores e investir em projetos sociais.

Juntamente com o turismo vários recursos são destinados a um melhor atendimento destes, como é o caso dos projetos que foram destinados à urbanização das favelas, os vários projetos de pousadas já existentes, entre outros.

A questão da geração de empregos percebe-se que todos os trabalhadores ligados à atividade não são moradores da Rocinha. Trabalham para essas empresas turísticas e são credenciados pela Embratur, salvo a empresa Exotic Tour que trabalha com jovens moradores da favela, os chamados guias auxiliares.

Quando se fala da questão dos impactos sociais, pode-se destacar o fato dos diferentes níveis sociais acarretarem o efeito demonstração onde os moradores imitariam os turistas. As diferentes realidades seriam percebidas por pessoas tão “distantes”. Porém pode-se considerar que os turistas que se envolvem com essa experiência saem da favela com o pensamento diferente em relação à comunidade e ao espaço como um todo, esclarecendo a verdadeira realidade. Este fato prova de que o turismo nas favelas tem o objetivo de desmistificar o fato de a favela estar vinculada a bandidagem.

O turismo “fabrica ou modifica” os espaços para que se possa utilizá-lo para suprir as necessidades dos diversos turistas. Essas mudanças podem ser benéficas para a população ou às vezes não. Mudanças essas que possibilitarão uma maior capacidade de gerir a atividade alcançando resultados, de acordo com a proposta.

6 CONCLUSÃO

O estudo de caso sobre o turismo na favela da Rocinha no Rio de Janeiro possibilitou alcançar os objetivos propostos através de uma base bibliográfica com uma vasta pesquisa e ainda pela realização do *tour* na Favela para uma melhor compreensão da atividade turística neste espaço tão dinâmico.

O Rio de Janeiro é uma cidade com um potencial turístico muito grande. Esta vem sofrendo com questões de desigualdade social, violência e a falta de políticas públicas, o que também acontece em outros espaços do país, mas que na “cidade maravilhosa” é muito conhecido dado à divulgação da imprensa mundial.

Abordou-se a questão da urbanização de grandes cidades, o seu crescimento acelerado, o surgimento e a vida cotidiana nas favelas, assim como se analisou o atual uso deste espaço pelo turismo.

O estudo permitiu entender o funcionamento do turismo em diferentes lugares, e a forma pela qual a atividade transforma os lugares e utiliza espaços inusitados para movimentar a economia.

Pode-se considerar que o turismo leva determinadas localidades ao desenvolvimento,

melhorando a infra-estrutura e superestrutura promovendo a atividade turística. Os projetos de urbanização nas favelas já existem antes da chegada do turismo. No entanto à medida que o turismo ganha a cena nesses espaços, tornando uma ferramenta forte para a geração de divisas, o poder público passa a olhá-los com mais atenção.

Concluiu-se que a realidade nas favelas perdurou por mais de um século e agora com a chegada devastadora do turismo é que se pode pensar na certa melhoria nas favelas. Não se pode esconder a pobreza, e por mais de um século tentou-se extinguir ou transformar as favelas, sendo assim alguns projetos não saíram do papel, para que pudesse amenizar as dificuldades dos moradores destes espaços tão precários.

É válido levantar algumas questões sobre este segmento do turismo, até que ponto a comunidade está disposta a mostrar sua pobreza? Apesar de que a pobreza no Brasil não é algo incomum. Até quando os moradores estarão de acordo em fazer papel de “bichos enjaulados como em zoológico”? Explorar a pobreza é legal no Brasil?

Por fim, dada a complexidade do tema, não se tem a pretensão de esgotar os questionamentos que ele suscita, mas abrir caminhos e possibilidades para que outras pesquisas se efetivem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, J. V. **Turismo: fundamentos e dimensões**. São Paulo: Ática, 2002.
- AQUINO, R. A nova cara da Rocinha: um projeto inovador de urbanização mostra que é possível resolver o problema das favelas no Brasil. In: **Época**, São Paulo, n. 482, 13 ago. 2007.
- ARRUDA, J. J. A.; PILETTI, N. **Toda a História: História Geral e História do Brasil**. São Paulo: Ática, 2000.
- BARROS, A. J. S.; LEHFELD, N. A. S. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 3. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- BENI, M. C. **Análise estrutural do Turismo**. 8. ed. [atual.] São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003.
- BOOTH, W. C.; COLOMB, G. G.; WILLIAMS, J. M. **A arte da pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CALDAS, C. B. **Lazer, turismo e desigualdade social: uma abordagem sobre o Piscinão de Ramos**. 2003. Santos Dumont, MG: Faculdade de Turismo de Santos Dumont, 2003. Trabalho monográfico (Graduação em Turismo). 48 p.
- CARVALHO FILHO, S. A. **A Favela da Rocinha: a memória de velhos e velhas na luta contra a vulnerabilidade social (1930-1993)**. 2006. Disponível em: <<http://www.uff.br/ichf/anpuhrio/Anais/2006/conferencias/Silvio%20de%20Almeida%20Carvalho%20Filho.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2007.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.
- COOPER, D. R.; SCHINDLER, P. **Metodologia de pesquisa em Administração**. 7. ed. São Paulo: Bookman, 2002.
- DIAS, R. **Introdução ao Turismo**. São Paulo: Atlas, 2005.
- FAUSTO, B. **História do Brasil**. 8 ed. São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 2000.
- FAVELA da Rocinha. In: **A noite é uma super criança**. Andréa Setti. 01 set. 2007. Programa televisionado, cor, 120 minutos.
- FERRARA, L. **Os lugares improváveis**. In: YÁZIGI, E. (org.) **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 73.
- FREIRE-MEDEIROS, B. **A construção da favela carioca como destino turístico**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006. Disponível em: http://www.rio.rj.gov.br/planoestrategico/interna.php?n0=1&n1=4&n2=6&rn0=12&rn1=2&P_HPSESSID=1d4f1d0149ba31de20725a736815cc9d. Acesso em: 13 out. 2007.
- _____. **A construção da favela carioca como destino turístico**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006. Disponível em:
- GAYER, P. **Adentrando Buenos Aires: da cristalização ao movimento**. 2007. Disponível em: <<http://www.partes.com.br/turismo/adentrando.asp>>. Acesso em: 04 set. 2007.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1999.
- IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/contagem2007/RJ.pdf>> Acesso em: 27 set. 2007
- HISTORIA DAS CIDADES. In: **Wikipédia**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_das_cidades>. Acesso em: 29 maio 2007.
- IGNARRA, L. R. **Fundamentos do Turismo**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2003.
- LAGE, B. H. G.; MILONE, P. C. **Turismo – teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2000.
- LAVILLE, J.; DIONNE, J. **A construção do saber – Manual de Metodologia da Pesquisa em Ciências Humanas**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

- MAYER, V. F. Projeto apresenta ao Seminário de Qualificação de projetos de pesquisa. UFF. 2008.
- MONTARROYOS, C. **Favelas, problema policial ou um problema social**. 2003. Disponível em: <<http://www.psc.org.br/doc/favelas.doc>>. Acesso em: 19 set. 2007
- O QUE é usucapião? Disponível em: <<http://www.jurisway.org.br/v2/pergunta.asp?idmodelo=713>>. Acesso em 25 set. 2007.
- O RIO de janeiro e o crescimento da vida urbana no primeiro quartel do século XIX Disponível em : <<http://www.simonsen.br/novo/revista/riodejaneiro.pdf>> Acesso em: 26 set. 2007
- PREFEITURA do Rio de janeiro. **Plano estratégico regional da zona sul**. Disponível em: < <http://www.rio.rj.gov.br/planoestrategico/> >. Acesso em: 08 out. 2007
- REGINENSI, C. Favelas.com: uma antropóloga na fronteira do virtual. Scripta Nova. In: **Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**, Barcelona: Universidad de Barcelona, v. 8, n. 170 (32) 1 ago. 2004. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-170-32.htm> > Acesso em: 10 out. 2007
- RENATO, C. **É interessante promover a favela como destino turístico?** Março 2007. Disponível em: <http://www.revistahost.com.br/publisher/preview.php?edicao=0307&id_mat=897>. Acesso em: 10 out. 2007
- RODRIGUES, A. M. **Moradia nas cidades brasileiras**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1989.
- SÁ, L. **Sistema do processamento legislativo**. 2006. Disponível em: <<http://cmrj3.cmrj.gov.br/ofc/scripts/tramitproj.asp?tipo=Lei&numero=779&ano=20>>. 06 Acesso em: 10 out. 2007.
- SILVA, J. S.; BARBOSA, J. L. **Favela: alegria e dor na cidade**. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2005.
- SOARES, L. A longa noite do Rio. In: **Veja especial**, São Paulo, n. 16, 20 abr. 2005.
- SPOSITO, M.; ENCARNAÇÃO, B. **Capitalismo e urbanização**. São Paulo: Contexto, 1988.
- TOLEDO, L. C. Plano Diretor da Rocinha: derrubando muros. In: MAIA, V.; SANT'ANA, A. **CREA-RJ em revista**. Rio de Janeiro, n. 62, ago. 2007.
- VARELLA, D.; BERTAZZO, I.; JACQUES, P. B. **Maré, vida na favela**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.
- VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- WAINBERG, J. Cidades como sites de excitação turística. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (org). Turismo Urbano. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2001. p. 11-22.
- ZALUAR, A.; ALVITO, M. **Um século de favela**. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.